

CURSO SOBRE FUTURISMO ABORDA A CIVILIZAÇÃO 2.0

Para o Andrews, a tarefa de Educar envolve uma atitude de cuidado com as novas gerações e, portanto, é um compromisso que remete ao futuro. O cenário de intensas mudanças, inovações tecnológicas e, principalmente, a revolução das mídias afeta a sociedade em ondas sucessivas e impacta a transmissão de conhecimento.

Para abordar com os alunos do Ensino Médio as novas possibilidades que o mundo digital traz para o ser humano na Civilização 2.0, o “Futurismo” é um dos favos 2021 do Projeto COLMEIA – componente curricular multidisciplinar desenvolvido neste segmento. O curso busca apresentar aos jovens estudantes as tendências dos profissionais e do mercado de trabalho do futuro.

“Nesta incipiente civilização 2.0, estamos vivendo uma revolução midiática digital que causará profundas mudanças no ambiente profissional. As organizações serão mais descentralizadas, baseadas na curadoria, do que centralizadas, baseadas na gestão. A relação entre profissional e cliente será mais direta. Teremos que aumentar a taxa de adaptabilidade num ambiente de alta taxa de instabilidade. Por exemplo, conviveremos com a reputação digital, que é resultado dos rastros icônicos (estrelinha, curtidão, dedinho para cima, dedinho para baixo) tudo isso vai estar nos currículos”, comenta o professor convidado Carlos Nepomuceno, jornalista de tecnologia e Doutor em Ciência da Informação, que pesquisa sobre a Era Digital há mais de 40 anos.

Para ele, que habitualmente ministra cursos e palestras para profissionais, a experiência de falar sobre o futuro do mercado de trabalho para pessoas que ainda não ingressaram no atual tem sido um desafio. “Às vezes, pode ficar meio abstrato, mas como a mudança é uma ruptura profunda, uma anomalia nas Ciências Sociais, todos terão que mudar, não só os profissionais atuais, como os jovens entrantes. São transformações de aspectos filosóficos, valores e paradigmas estruturais, não são apenas adaptações conjunturais”, afirma.



De acordo com Nepomuceno, não dá para entender o século XXI sem entender as revisões propostas pelo filósofo e teórico da comunicação canadense, Marshall McLuhan. “Ele é o Charles Darwin 2.0. Darwin inaugurou uma nova fase quando disse que o ser humano faz adaptações e descende de outros animais. Quando McLuhan diz: “nós criamos as tecnologias e as tecnologias recriam o ser humano”, ele agrega algo a Darwin. É a mesma linha de raciocínio. Nós somos uma tecnoespécie, um tipo diferente das outras porque supera problemas através de tecnologia. E ele vai mais além: “somos uma tecnoespécie midiática e a introdução de cada nova mídia muda a sociedade. Pierre Lévy, que é “filho” intelectual do McLuhan, em seu livro Ciberultura afirma que não só mudamos a sociedade, como podemos contar a história da sociedade humana através da revolução de mídia”.

“Os jovens alunos de hoje estão mais preparados operacionalmente do que os da geração passada, não há dúvida. Mas isso não significa que eles estão prontos para o futuro, pois há um desafio subjetivo muito importante a ser superado. Está sendo interessante trabalhar com eles para ver como podemos ajudar. Agradeço ao Andrews pelo convite, foi muito rico, aprendi e gostei bastante. As observações deles, de uma certa pureza e franqueza, mudaram em alguns pontos de vista a minha maneira de pensar”, finaliza Carlos Nepomuceno.

COMO EDUCAR NA ADVERSIDADE

O Andrews acredita na importância do diálogo entre família e escola e, por isso, promove, ao longo do ano, encontros que buscam a troca de conhecimentos e o fortalecimento dos laços. Um desses momentos aconteceu *online* no último dia 27 de abril, quando a psicanalista e escritora Sandra Niskier Flanzer conversou com cerca de 40 pessoas da comunidade escolar sobre o tema “Como elaborar as perdas em um contexto tão adverso?”.

Doutora em Psicanálise pela UFRJ, com mais de 30 anos de atendimento e mais de 20 cursos ministrados, Sandra, que acompanha já há alguns anos a trajetória do Andrews, propôs a conversa com leveza, apesar da densidade das perdas e do luto aos quais todos estamos sendo submetidos. “Enquanto sujeitos que somos, é possível que possa vir alguma alegria, algum lugar para o criativo, o novo, o diferente no final desse atravessamento. É preciso concatenar densidade com leveza, perda com criatividade”, afirmou.

“Quando falamos em perda e tocamos na questão do luto, logo vem a tristeza. É algo que se impõe ao sujeito, que ele não escolheu, mas vai ter que atravessar. É bastante complicado para todos. Ninguém escolheu a pandemia, perder o emprego, o decréscimo da renda ou estar confinado numa situação extremamente complexa. Isso é uma perda. O luto é o trabalho necessário a ser feito para viver essas perdas”, observa Sandra.

A psicanalista citou a afirmação de Freud que diz que “somos seres gregários”, ou seja, vivemos em grupo, não seríamos capazes de sobreviver de outra forma. Ela destacou que as escolhas passam pelo social, pela maneira como cada um se agrega. Mencionou também a dificuldade enfrentada por crianças e adolescentes para encontrar um espaço, um casulo, como era a escola. “Não um casulo de isolamento, mas um “tubo de ensaio”. Tem sido uma enorme perda para cada um de nós o convívio excessivo em confinamento”, constatou.

Mas, o que fazer com esse contingente tão grande de perdas? É possível fazer das perdas possibilidades de vida? Sandra respondeu aos participantes que sim, e explicou: “Se nós pudermos elaborar as perdas, é possível chegar num outro lugar, que pode ser um espaço de criatividade. Em Psicanálise existe uma diferença entre o luto e a melancolia. O luto pode ser elaborado através de um trabalho psíquico interno de reconhecimento da perda. Vamos viver durante muito tempo uma tristeza



SANDRA NISKIER FLANZER

que depois vai ceder e vamos retornar à vida. A melancolia é um luto continuado, uma perda que o sujeito não consegue elaborar. Então, é claro que existe sim como extrair de uma perda novas possibilidades. Temos uma missão com relação ao trabalho de luto que é convocado a cada perda. É só a partir daí que podemos nos mover. É só isso que pode gerar algum desejo, que para cada um será singular, único”.

Sandra Niskier e os pais e responsáveis que estavam presentes debateram também sobre o movimento atual da humanidade de criar recursos tecnológicos como forma de “fuga da angústia”. Ela pontuou que é preciso dar espaço para esses sentimentos não tão prazerosos, mas que nos levam a grandes crescimentos. “Precisamos reconhecer a angústia quando ela aparece. É preciso autorizar o desconforto”, disse. Sobre exercitar a escuta, um dos temas de interesse da conversa, ela enfatizou: “nem sempre queremos uma solução para o que sentimos, queremos apenas ser ouvidos. E isso vale tanto para os adultos quanto para as crianças. Em vez de buscar resolver a tristeza do filho, por exemplo, é interessante dar o lugar de fala para que ele possa externalizar o sentimento”.

Um dos grandes aprendizados desse encontro foi o sentido de resiliência – capacidade do indivíduo lidar com problemas, adaptar-se a mudanças, superar obstáculos ou resistir à pressão de situações adversas. “Estamos aprendendo muito com tudo isso que estamos vivendo. É na adversidade que se educa!”, concluiu a psicanalista.